

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**JORGE CINTA LARGA**

**ARCOS E FLECHAS: CULTURA MATERIAL DO POVO CINTA  
LARGA**

**Barra do Bugres  
2016**

**JORGE CINTA LARGA**

**ARCOS E FLECHAS: CULTURA MATERIAL DO POVO CINTA  
LARGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

CS75a CINTA LARGA, Jorge.

Arcos e flechas: cultura material do Povo *Cinta Larga* / Jorge Cinta Larga. – Barra do Bugres, 2016.

38 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Povo *Xavante*. 2. História Oral. 3. Fases da Vida. I. Quintino, W. P., Dr. II. Título. III. Título: cultura material do Povo *Cinta Larga*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**JORGE CINTA LARGA**

**ARCOS E FLECHAS: CULTURA MATERIAL DO POVO CINTA LARGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literaturas.

Barra do Bugres, 28 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino  
Professor Orientador

---

Prof. Esp. Kamoriwa'i Elber Tapirapé  
Professor Avaliador

---

Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira  
Professora Avaliadora

**Barra do Bugres  
2016**

## **AGRADECIMENTOS**

Quero, respeitosamente, agradecer a todos aqueles que me ajudaram na produção desse trabalho, aos caciques Ricardo Vieira Cinta Larga (Poeira), Constantino, Ayarauno Cinta Larga, Manoel Cinta Larga, Marcelo Cinta Larga, Ricardo Cinta Larga, Milton Cinta Larga e, principalmente, a minha família que sempre me apoiou nas horas difíceis que passei durante essa pesquisa.

Agradeço, também, a toda comunidade das aldeias, onde busquei e entrevistei os anciões para coletar as informações ditas nesse trabalho, ao Rio Capivara, Algodão, Serra dourada e Rio 21 que se disponibilizaram com vontade nessa pesquisa.

Agradeço imensamente, também, à CAPES, FUNAI, SESAI, UNEMAT e a todos os professores indígenas e não indígenas que trabalharam durante a nossa jornada acadêmica, e a toda equipe da UNEMAT que trabalhou desde a gestão anterior nessa academia. Também agradeço a Elias Januário da gestão anterior e ao atual professor Adailton que sempre está se dedicando às realizações das etapas no campus da UNEMAT, em Barra do Bugres.

Por isso, devo toda a minha consideração e orgulho por eles.

## RESUMO

Este trabalho trata de um dos aspectos da cultura material do povo Cinta Larga: o uso do arco e flecha, com objetivo principal de relatar e registrar a confecção e uso do arco e flecha, demonstrando todas as formas de confecção de vários tamanhos, para todas as atividades e também das flechas que são utilizadas na caça, pesca, festas e eventos. O outro objetivo é produzir um documentário sobre a caça da anta com este artefato, demonstrando para a sociedade envolvente a verdadeira forma de viver do povo Cinta Larga para o sustento da família, e também relatar o mito de cada artefato, mantendo vivas as histórias milenares para as novas gerações e outros acadêmicos ou interessados de pesquisarem sobre o tema. O trabalho traz um pouco do uso do arco e flecha do povo Cinta Larga no seu dia-a-dia. Atualmente o uso do arco e flecha nas caçadas, pescaria, festas e eventos importantes é comum, por isso, pesquisar sobre este tema é importante para fortalecer essa riqueza e para que nunca seja esquecida pelas novas gerações.

**Palavras-chave:** Povo Cinta Larga. Cultura Material. Arco e Flecha.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Apresentaçãode dança tradicional do povo Cinta Larga, Jorge Cinta Larga, Luiz Cinta Larga e Edir Cinta Larga. ....	10
Figura 2 –	Clã Kaban: Marcelo Kaban Cinta Larga.....	12
Figura 3 –	Clã Kakin: Rodrigo Kakin Cinta Larga .....	12
Figura 4 –	Máám: Ajarauno Cinta Larga.....	12
Figura 5 –	Mapa do Brasil com a localização em destaque das Terras Indígenas do Povo Cinta Larga .....	13
Figura 6 –	Mawu, faca cortada na ponta. ....	18
Figura 7 –	Mosaico de imagens do processo de retirada do material para a produção das flechas.....	19
Figura 8 –	Detalhes da ponta da flecha.....	20
Figura 9 –	Detalhe da arte feita com pêlo de caititu.....	21
Figura 10 –	Processo de tratamento das flechas .....	22
Figura 11 –	Como armazenar as penas de Gavião Real .....	23
Figura 12 –	Penas de Mutum (à esquerda) e Gavião Real (à direita).....	24
Figura 13 –	Passo a passo para o manuseio das penas na flecha.....	24
Figura 14 –	Detalhes de flechas com penas de Gavião Real .....	25
Figura 15 –	Ferramentas utilizadas para trabalhar com as flechas .....	26
Figura 16 –	Modo de confeccionar arte nas flechas com pelo de caititu.....	27
Figura 17 –	Sequencia de figuras com diferentes trançados na sequencia da esquerda para a direita numeradas de 1 à 6 .....	28
Figura 18 –	Flechas com pontas de iipéép (coração de negro).....	29
Figura 19 –	Pedaço de madeira retirada da madeira iipéép (coração de negro) antes e depois de ser confeccionada .....	30
Figura 20 –	Cacique da aldeia Algodão confeccionando flecha para pesca com ponta de iipéép (coração de negro) .....	30
Figura 21 –	Processo de preparação da madeira para o arco.....	31
Figura 22 –	Confeccionando Arco de Tucum (Menino faixa etária 4 a 6 anos) .....	32
Figura 23 –	Marcelo Cinta Larga e Canarinho Cinta Larga, na festa da Xixa na aldeia Rio 21 .....	33
Figura 24 –	Cacique Constantino Cinta Larga, Marcelo e Jorge Cinta Larga.....	33
Figura 25 –	Flechas utilizadas nas caçadas .....	34

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I – O POVO CINTA LARGA .....</b>	<b>10</b>
1.1 O mito de origem do povo Cinta Larga.....	11
1.2 Organização social do povo Cinta Larga: os clãs.....	11
1.3 Localização.....	13
1.4 Sobre a língua materna .....	14
1.5 Modo de sobrevivência.....	14
<b>CAPÍTULO II – A CULTURA MATERIAL DO POVO CINTA LARGA .....</b>	<b>16</b>
2.1 Cultura Material.....	16
2.2. Mito de origem do arco e flecha.....	16
2.3. Os tipos de arco e flecha.....	18
<b>CAPÍTULO III – CONFECÇÃO DE FLECHA DO POVO CINTA LARGA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Para pesca. ....	29
3.2 Confecção do arco do povo Cinta Larga .....	30
3.3 Usos do arco e flecha do povo Cinta Larga.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Prezados leitores, quero aqui apresentar o meu trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) da Licenciatura Intercultural, em Línguas, Artes e Literatura pela Unemat (Universidade do estado de Mato Grosso) no campus de Barra do Bugres-MT.

Este trabalho trata de um dos aspectos da cultura material do povo Cinta Larga: o uso do arco e flecha, com objetivo principal de relatar e registrar a confecção e uso do arco e flecha, demonstrando todas as formas de confecção de vários tamanhos, para todas as atividades e também das flechas que são utilizadas na caça, pesca, festas e eventos.

O outro objetivo é produzir um documentário sobre a caça da anta com este artefato, demonstrando para a sociedade envolvente a verdadeira forma de viver do povo Cinta Larga para o sustento da família, e também relatar o mito de cada artefato, mantendo vivas as histórias milenares para as novas gerações e outros acadêmicos ou interessados de pesquisarem sobre o tema.

O trabalho traz um pouco do uso do arco e flecha do povo Cinta Larga no seu dia-a-dia. Atualmente o uso do arco e flecha nas caçadas, pescaria, festas e eventos importantes é comum, por isso, pesquisar sobre este tema é importante para fortalecer essa riqueza e para que nunca seja esquecida pelas novas gerações.

Além dessas questões, queremos produzir e publicar esse trabalho para que seja um suporte para os professores indígenas nas escolas das aldeias, no desenvolvimento das aulas e tantas outras atividades, assim, os nossos alunos poderão, desde pequenos, conhecerem a confecção dos arcos e flechas e sua importância para o povo Cinta Larga, e também incentivar a todos a manterem sempre viva essa ferramenta tão importante para a caça do povo, denominado Cinta Larga.

A pesquisa foi realizada por mim, com a participação do meu pai Ajarauno Cinta Larga, de 76 anos, morador da aldeia Algodão. Ele foi uma pessoa muito importante na minha pesquisa, pois sem ele não seria possível realizar este trabalho. Durante a pesquisa, passei por muitas dificuldades em relatar alguns dados dos anciões, mas fiz o possível para registrar e relatar os mitos de cada artefato. As ferramentas que utilizei na pesquisa foram caderno, lápis, borracha, câmera fotográfica, celular e filmadora.

Para realizar a filmagem, foi bastante complicado, por falta de conhecimentos técnicos sobre filmagem de boa qualidade, e também por conta das distâncias e falta de transporte para ir nas aldeias. As imagens que estão no trabalho foram tiradas de um celular particular, durante a festa da Xixa, na aldeia Rio 21, no dia 12 de outubro de 2013. Quanto à caçada, foi

no mesmo ano de 2013, e estavam arquivadas no meu computador, então, aproveitei para utilizar as imagens no trabalho de TCC. Outra questão que me atrapalhou na realização da pesquisa foram os trabalhos na gestão da escola, pois as exigências são tão comuns que é difícil sair do trabalho, por isso, não realizei boa filmagem, mas, fiz o possível.

A aldeia onde eu moro foi denominada de Algodão, por existir um pé de algodão no momento da criação da aldeia, então, a aldeia até hoje é chamada de Algodão. Nesta aldeia moramos em 4 famílias, com 12 pessoas no total.

A escola onde trabalho como diretor há três anos oferta 1º ao 3º ciclo do ensino fundamental, com 98 alunos no total. O trabalho que pode ser destacado na minha escola é o projeto *Pamaré*, um incentivo para a prática de dança, cantos e pinturas corporais e que leva, também, os alunos a dançarem, cantarem e se pintarem nas escolas estaduais indígenas do município a que pertence.

## CAPÍTULO I – O POVO CINTA LARGA

Tratamos de apresentar, neste capítulo, alguns aspectos gerais do povo *Panderéj*, assim como seu mito de origem sobre o povo Cinta Larga.

A denominação do povo Cinta Larga foi criada pela sociedade ocidental no início do contato, por usarem uma cinta larga de casca de madeira na cintura. Essa cinta é retirada de uma árvore chamada na língua materna *wabep* (embirema), mas segundo o colaborador ancião Ajarauno Cinta Larga, o verdadeiro nome do povo é *mbatpéétamâáj* que significa (aqueles que possuem arcos), mas isso não está sendo utilizado para denominar o povo, pois continuam sendo chamados de Cinta Larga. Dentro da etnia existem três clãs que são divididos em: *Kaban*, *Kakin* e *Máám*. O clã *Kaban* é denominado pela cor da pele clara, utilizando o nome de uma árvore, o clã *Kakin* é denominado por ter a pele mais clara, utilizando o nome de fruta que se produz em cipó e o clã *Máám* é denominado pela pele mais escura, utilizando nome de pé castanheira.

**Figura 1 – Apresentação de dança tradicional do povo Cinta Larga, Jorge Cinta Larga, Luiz Cinta Larga e Edir Cinta Larga**



**Fonte:** Coordenação Intercultural – Diretoria de Gestão de Educação Indígena, 2015.

## 1.1 O mito de origem do povo Cinta Larga

Segundo o mito da origem do povo *Panderééj*, existia um Deus na terra que andava por vários lugares. Durante essas andanças, ele se sentia sozinho, por isso, resolveu criar um ser humano para existir na terra, como naquele tempo.

Após muito tempo, ele havia criado todas as coisas na terra. Certo dia, quando caminhava pela trilha na floresta, chegando na aldeia, escutou os homens falando mal dele numa grande maloca, dizendo que ele havia andado na floresta para engravidar uma linda mulher. Ao ouvir isso, ele se zangou e jogou uma pequena pedra em cima da maloca, onde todos moravam. No momento em que ele jogou a pedra em cima da maloca, ela se transformou em uma grande pedra, trancando todos da aldeia lá dentro. Com isso, o Deus viveu sozinho por muitos anos.

Todos os dias ele caminhava ao redor da maloca e ouvia os homens, mulheres e crianças cantando, em nome dele. Ao ouvir os cantos, ele ficava muito triste e chorava. Certo dia, ele convocou todas as aves que possuíam bicos fortes para furar a pedra e abrir uma saída para os povos.

Então as aves se juntaram ao redor da pedra para tentar abrir uma saída e, após muito tempo, algumas aves desistiam e ficaram apenas araras, maritacas, periquitos e papagaios para furar a pedra com os bicos.

Depois de muitos anos, as aves conseguiram furar a pedra e abriram uma saída. Assim, o Deus convocou que saíssem casais de cada aldeia, então saíram casais em ordem. Enquanto os casais saíam, alguns homens pediram para Deus que saíssem uma mulher grávida para fora, então, a mulher tentou sair, mas ficou presa no buraco da saída.

Neste momento, o Deus transformou a mulher em pedra. Segundo a história, a origem da etnia Cinta Larga saiu dessa pedra e foi se espalhando por dois Estados do Brasil, Rondônia e Mato Grosso.

## 1.2 Organização social do povo Cinta Larga: os clãs

O povo indígena Cinta Larga foi denominado por este nome pelos homens brancos no início do contato com a sociedade ocidental, por usarem uma cinta larga da casca de madeira na cintura. A cinta larga é retirada da árvore grande *wabep* (embirema), que pode chegar a uma altura de 50 a 80 metros. Segundo os anciões, o nome do povo na língua materna é *Mbatpéétamâáj*, que quer dizer (aqueles que possuem arcos). Na sociedade Cinta Larga,

existem três clãs: *Kaban* (árvore), *Kakin* (fruta amarela), e *Máám* (castanheira), que podem se identificar pela cor da pele, o *Kakin* tem a pele mais clara, o *Kaban* a pele menos escura e o *Máám* a pele mais escura, ou melhor mais moreno.

**Figura 2 – Clã Kaban: Marcelo Kaban Cinta Larga**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2013.

**Figura 3 – Clã Kakin: Rodrigo Kakin Cinta Larga**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2013.

**Figura 4 – Máám: Ajarauno Cinta Larga**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2013.

### 1.3 Localização

Neste capítulo, trataremos das localizações das Terras Indígenas do povo Cinta Larga, com base neste mapa que localizam as outras etnias no Brasil.

**Figura 5 – Mapa do Brasil com a localização em destaque das Terras Indígenas do povo Cinta Larga**



Fonte: Créditos na imagem

O povo Cinta Larga está localizado em dois Estados brasileiros, Rondônia e Mato Grosso. No oeste do Estado de Rondônia, a Terra Indígena Roosevelt e Pim Tenente Marques se localizam a 85 km do município de Espigão do Oeste.

No noroeste do Estado de Mato Grosso, a Terra Indígena Serra Morena e Parque Indígena Aripuanã estão localizadas a 95 quilômetros do município de Juína e, no município de Aripuanã, a Terra Indígena Aripuanã localiza-se à 80 quilômetros.

Em 1969, a população Cinta Larga foi estimada em cerca de 2.000 pessoas. Em 1981, o número não ultrapassava 500 indivíduos, numa estimativa otimista.

A partir daí, a população voltou a crescer, atingindo a casa dos 1.032 indivíduos em 2001 e, em 2003, estimava-se que este número fosse por volta de 1.300 indivíduos. Mas segundo a pesquisa pela (SIASI/SESAI, 2012), o número da população vem crescendo e atingiu 1758 pessoas em 2012, segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA), mas, segundo os dados que relatei da SESAI de Cacoal/RO, Juína/MT e Aripuanã/MT, estes ultrapassaram e passam da faixa de 2300 pessoas no total.

#### **1.4 Sobre a língua materna**

A língua materna do povo Cinta Larga faz parte do tronco Tupi-Mondé, geralmente, todos que moram nas aldeias são falantes da língua materna, mantendo a língua preservada, somente os filhos de alguns Cinta Larga que casaram com as mulheres não indígenas falam pouco a língua materna e, às vezes, nem falam, usando somente a língua portuguesa. Então, posso dizer que a língua materna é 99% praticada por nós, Cinta Larga.

A língua Cinta Larga pertence à família Tupi Mondé, tronco Tupi, assim como as de seus vizinhos Gavião, Suruí/Paiter e Zoró.

#### **1.5 Modo de sobrevivência**

O modo de sobrevivência do povo Cinta Larga vem da caça, pesca, coletas de frutos, mel e venda de artesanatos. Na caça e na pesca, os homens utilizam arcos e flechas confeccionados, especificamente, para essas atividades.

A caçada de longo tempo que é comum no costume do povo, leva uma semana ou até mais, e caçam todos os tipos de animais, aves e até os peixes. Nessa caçada, a família toda acompanha e fica acampada na mata, até conseguir caçar boa quantidade de animais. Durante esse tempo, os animais abatidos são assados em cima de (varas), que chamamos na língua materna de *mixââ*, ou seja, grade, mantendo todos os dias o fogo aceso, até o dia de retornar para a aldeia, assim, as caças não estragam.

O sustento familiar também vem da roça, como comida tradicional, mandioca, cará, milho, banana, batata doce, amendoim, inhame, mamão e também o arroz e feijão. A falta de conhecimentos nas técnicas do plantio de arroz e feijão dificultam as comunidades plantarem esses alimentos.

As principais práticas de dança e rituais na tradição do povo Cinta Larga é a festa de sacrifício de animal criado na aldeia, festa da roça e festa da safra do milho.

A pessoa que captura o filhote de animal o cria e, após o animal já estar maior, ele organiza uma festa para sacrificar o animal. São exigidos flechas, arcos, cocares e colares para quem sacrificar o animal. Os artesanatos entregues para o dono do animal é uma forma de pagamento, a cerimônia e rituais dessa festa podem durar um mês ou menos.

## CAPÍTULO II – A CULTURA MATERIAL DO POVO CINTA LARGA

Tratamos neste capítulo alguns aspectos da cultura material do povo Cinta Larga.

### 2.1 Cultura Material

O artesanato indígena Cinta Larga inclui confecção de cestos, arcos, flechas, colares de coco de tucum, pulseiras também de coco e dentes de macaco, enfeites plumários para a cabeça e braços, redes de dormir, adornos de palha ou de pele de onça, flautas, pilão, fuso, furadores, adorno de resina para o lábio e outros ornamentos menores.

Para a guerra, os Cinta Larga pintam-se de *wesua* (jenipapo) com formatos de sinais ou as manchas que existem na pele ou nas penas de aves e de animais. Usam seus cocares de penas de gavião *ngatpéé* (cocar), *mbakalâj* (colares grossos) no pescoço e cruzados no peito *ndekusapiáp* (colar para o peito), *andaraj* (pena de gavião para cabeça) e a *nzalâjpiap* (cinta larga), confeccionada de entrecasca da árvore *wabep* (tauari ou de embirema). Enfeitam-se ainda com *webaj* (palhas de buriti), enroladas nos braços e nas pernas. Suas armas são o *mbatpéé* (arco), *jap* (flecha) e *sukaa* (lança), utilizados em situações de guerra.

Os *mbatpéé* (arcos) de seção oval, medem cerca de 2 metros e são fabricados do caule de *jubt* (tucum nativa da floresta). As flechas, em média com 1,80 metros, consistem de uma haste de taquara onde se encaixa uma ponta com formato de *ndabe* (faca), de um tipo de *japéé* (taquara ou taboca), e na extremidade inferior, penas de *ikulû tere* (gavião real) ou de *wakuj* (mutum). Os arcos são resistentes e exigem do arqueiro treino e força física. Há flechas de vários tipos, para aves, macacos, animais de grande porte e pesca, mas sempre elaboradas caprichosamente. Algumas com parte da haste feita de madeira *ipéép* (coração de negro), dentada e adornadas com *jap sek* (trançados de pelos de caititu), com padrões losangulares.

O *suka* (lança) é semelhante a uma espada curta, com um metro de comprimento, de cerne de madeira muito dura (*ipéép*), preta ou vermelha e o cabo ornamentado.

### 2.2. Mito de origem do arco e flecha

O mito de origem do arco do povo Cinta Larga é de muito tempo atrás, quando não existia nenhuma ferramenta para caça e pesca.

O ancião Ajarauno Cinta Larga nos contou que havia um sábio entre o povo Cinta Larga. Certo dia, ele inventou uma lança com uma ponta bem apontada para caçar os animais em barreiros, durante a noite de lua cheia, principalmente, anta e queixadas.

Então, ele ficava durante a noite de lua cheia escondido no barreiro, atrás de árvores para lançar a lança em sua caça. Isso aconteceu por muitos anos, e ao perceber que era muito difícil de conseguir a caça, ele inventou o arco, porque durante o dia os animais não deixavam ele se aproximar. Então ele pensou que teria que ter um jeito de inventar um objeto que pudesse lançar a sua lança de longa distância. Assim, ele inventou o arco com um pequeno pau bem resistente que chamamos de *pixann*, e inventou a flecha com um pedaço de árvore grande de *pixann*, que ele mesmo lixou com as folhas de *ngâjâmap pabi sep*. Ele endireitou no fogo para ficar reto e, segundo o ancião, os outros índios que moravam com ele ficaram curiosos para saber que ferramenta ele estava inventando, outros o chamavam de doido (*sut*).

Depois de todos os processos de confecção do arco e flechas, ele tinha que inventar a habilidade de lançar as flechas até acertar o alvo. Isso foi várias vezes, mas na própria aldeia. Quando ele percebeu que não era tão difícil de acertar o alvo, começou a caçar as queixadas com arco e flechas, mas durante o dia. Ele conseguiu algumas caças e ficou muito contente com a invenção. Ao verem que ele estava conseguindo uma boa caça com arco de madeira e flecha de pedaço de pau, os outros índios queriam que ele fizesse para todos. Ao perceber que alguns índios estavam bravos e ameaçavam ele, por causa de não confeccionar a deles primeiro, saiu da aldeia e foi se alongar na mata, bem distante da aldeia. Mesmo assim, ele confeccionava para todos e ensinava as habilidades de caça com arco e flecha. Foi neste momento, que os outros índios deram a ele o nome de *Mbatpéétamann*.

Muitos anos se passaram, todos já estavam habilidosos de caçar com arco e flecha, mas os arcos e flechas tinham muitos defeitos. O arco não durava muito tempo, ficava fraco para jogar a flecha. Já a flecha, ao se molhar na água ou na chuva, ficava torta, por isso, *Mbatpéétamann* pensou em inventar outra flecha com a taquara *jap*, e o arco com tucum *jubat*.

Na região onde ele morava, existia muito taquara, então, ele pegou as taquaras para experimentar como ficavam, se endireitavam no fogo. O arco foi cortado e tirado de um pedaço de tucum para deixar bem liso. Nele foi passada uma cera de abelhas de mel, *ngubereejkã*, antes de passar no fogo para endireitar. Já as flechas ficaram muito leves para servir de ferramenta para a caça, mas ele tinha que inventar uma ponta bem resistente para

ela. Foi assim que ele inventou uma outra taquara que colocamos na ponta da flecha até hoje, que é o *japéé*.

Segundo o ancião Ajarauno Cinta Larga, com passar do tempo, outras gerações foram modernizando as flechas, ou melhor, foram melhorando as flechas de vários tipos, tanto para caça de passarinho, quanto para pesca, caça de animais maiores e pequenos.

Essa é a origem do arco e flecha para o povo Cinta Larga.

### 2.3 Os tipos de arco e flecha

Essa ponta de flecha é feita de *japéé*, taquara retirada da mata. No primeiro momento, é escolhida a taquara mais forte e comprida, em seguida, é cortada com cuidado para que ela não rache no meio. Após isso, as partes cortadas são trançadas com lados iguais com embira e colocadas no sol para secar.

Depois da secagem, o caçador começa preparar a ponta com o *mawu* (faca cortada na ponta). Retira as fibras que secaram na parte inferior do *japéé* (taquara ou taboca), e assim que estiver no tamanho que ele deseja, abre um espaço no meio do *japéé* para encaixar uma outra ponta resistente com cera de abelha para que ela fique firme. Também é fixada linha de algodão para segurar a ponta da flecha, aquela parte é encaixada dentro da flecha como mostram as imagens.

**Figura 6 – *Mawu*: faca cortada na ponta**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

Figura 7 – Mosaico de imagens do processo de retirada do material para a produção das flechas



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

**Figura 8 – Detalhes da ponta da flecha**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

Existem vários tipos, formas e tamanhos de flechas para a caça de animal maior, passarinhos, aves, pesca, presente, que são confeccionados com desenhos triangular com pelos de caititu.

Ajarauno nos disse que geralmente as flechas, especialmente, para a caça são confeccionadas sem detalhes, que eles chamam de *jap sekeap* (flecha leve). Ele disse ainda que as flechas leves são mais rápidas quando são lançadas para o alto da árvore, por isso, ele costuma caçar somente com esse tipo flecha.

A flecha confeccionada com ponta de *úpéép* (coração de negro), árvore resistente com dentes é feita com detalhes somente para presentes, festas ou para casamentos. Esse tipo de flecha é entregue para o pai da noiva como pagamento.

Manoel Cinta Larga contou que essa flecha exige habilidade e técnica para que saia perfeita. No primeiro momento, é preciso saber escolher a árvore boa que tem a caule reto, geralmente, costume tirar essa ponta de uma árvore caída, que está seca. Isso facilita que o caçador confeccione a ponta mais rápido, no caso de falta, é preciso derrubar a árvore e tirar a ponta da parte interior da árvore e colocar no sol para secar, explicou o senhor Manoel.

Ele disse ainda que, após passar pelo processo de confecção, é preciso lixar a ponta com areia fina para que ela fique lisa, e também com folhas de árvore *ngâjmap* (embaúba)

que tem folhas igual a lixa da cidade. Somente depois desse processo, é confeccionada a arte com pelo de caititu, como mostram as imagens.

**Figura 9 – Detalhe da arte feita com pelo de caititu**



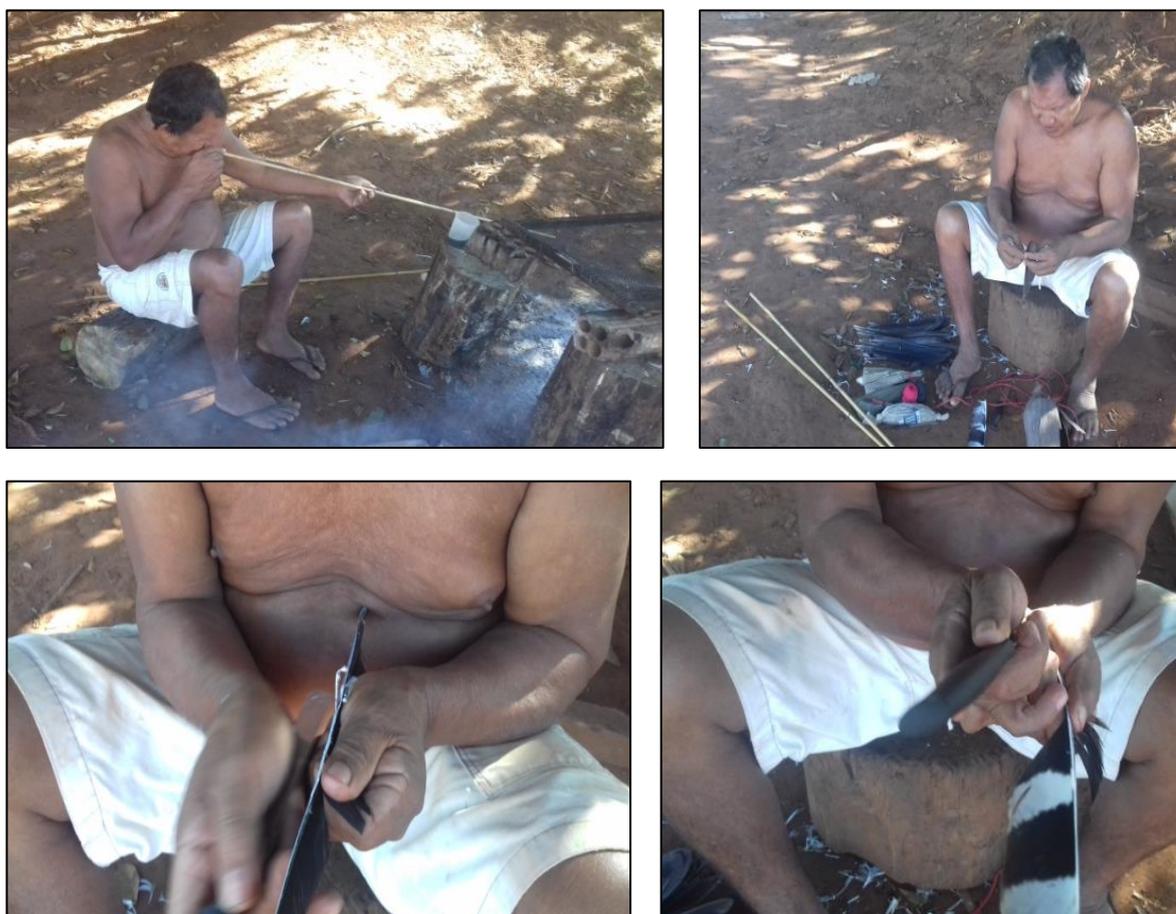
Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

### CAPÍTULO III – CONFECÇÃO DE FLECHA DO POVO CINTA LARGA

As flechas são confeccionadas no mesmo processo. É preciso habilidade e técnica para que ela saia de boa qualidade.

Ajarauno Cinta Larga disse que desde a coleta de flechas na floresta é preciso escolher as melhores, que é menos torta, pois esse tipo de flecha geralmente sai perfeito. Também explicou que após coletar na mata, é preciso lavar as flechas para tirar a sujeira que fica nela, e depois trançar com embira e colocar no sol para secar.

**Figura 10 – Processo de tratamento das flechas**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

Depois de todo esse processo, ao confeccionar uma flecha, é preciso desentortar a flecha no fogo, aquecendo, mas, com muito cuidado para não queimar. Em seguida, é só escolher as penas de gavião ou de mutum para a flecha de presente. Eu costumo colocar só de gavião real, já para flecha normal, usada para caça, coloco penas de mutum, disse Ajarauno.

**Figura 11 – Como armazenar as penas de Gavião Real**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

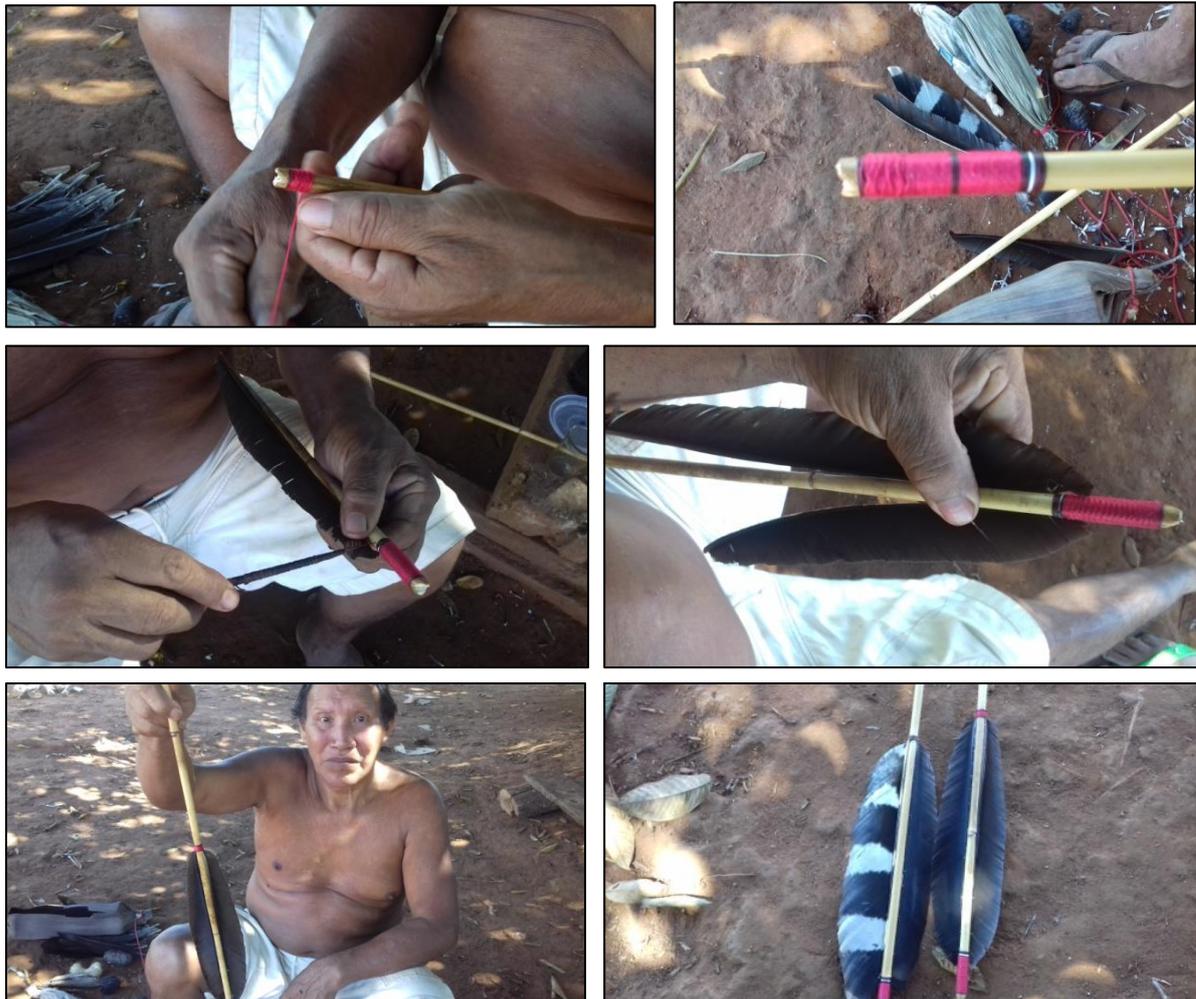
**Figura 12 – Penas de Mutum (à esquerda) e Gavião Real (à direita)**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015

As imagens acima são do ancião Manoel Cinta Larga, de 89 anos de idade, tiradas por mim, Jorge Cinta Larga, na aldeia Algodão 03/06/2015. O senhor Manoel é um dos anciões que sempre mantêm e pratica o uso e confecção de arcos e flechas na aldeia Algodão.

**Figura 13 – Passo a passo para o manuseio das penas na flecha**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

Ele disse também que depois de escolher as penas é preciso preparar também elas, tirando a parte que não serve para a flecha, com a faca *mawu* (faca cortada na ponta), com muito cuidado. Assim que estiver pronto, é preciso medir o tamanho das penas na flecha para que elas não fiquem em partes desiguais. Após isso, é só cortar a flecha e colocar linha de algodão trançando na flecha para firmar a parte onde a linha de arco é encaixada para puxar e lançar.

**Figura 14 – Detalhes de flechas com penas de Gavião Real**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015

Depois disso, é preciso colocar também a fibra de penas de macuco na flecha, que chamamos *jakap* (olho da flecha), depois é só amarrar a ponta das penas na flecha com *uuláá* (fibra resistente tirada das folhas de coqueiros nativo da mata). Existe, também, *ulîgââ* (uma cera tirada da árvore jatobá) que serve para firmar a *uuláá*. Furamos com um furador *jap watakap* (furador da flecha), um pequeno ferro que utilizamos hoje, antigamente furávamos com ossos de animais, disse o Ajarauno.

A figura 15 mostra todas as ferramentas que utilizamos na confecção de flechas. Essa fibra branca é *uuláá* (fibra tirada das folhas de coqueiro), utilizada para fixar as penas de aves na flecha. Essa massa preta é *mbulingã*, mas há, também, uma massa que é comprada na cidade, a mesma que é utilizada para fechar furos de canoas e em outros objetos. No caso de falta, utilizamos essa massa para firmar *uuláá* (fibra das folhas de coqueiro), antigamente era tirada da árvore jatobá, segundo o ancião Ajarauno.

As massas se criavam do líquido que existem na casca da árvore, se acumulavam do lado de fora da casca, e formavam a massa. Esse pequeno ferro com a ponta horizontal amarrado em um pedaço de madeira é *jap watakap* (furador de flecha), que utilizamos para furar a flecha, onde a *uuláá* (fibra das folhas de coqueiro), passa para fixar as penas. Esse rolo de linhas de algodão é comprado da cidade, que utilizamos para firmar a ponta da flecha. Este pequena folha dobrada de coqueiro tem dentro dela as penas de macuco, que tiramos da parte da costa dela, que utilizamos também na flecha, fixando somente a fibra (coluna). Essa faca cortada na ponta é utilizada em toda em todas as partes da confecção da flecha.

**Figura 15 – Ferramentas utilizadas para trabalhar com as flechas**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

Ele falou também que é preciso de cuidado quando for furar as penas e a flecha, para que não fure torto. A fibra de coqueiro passa pelo furo das penas e da flecha para fixar as penas nela. É bom lembrar, também, que as penas devem ser encaixadas numa posição reta, assim a flecha fica perfeita. Depois é só cortar a metade da pena com o *mawu* (faca cortada na ponta) em cima de uma árvore reta.

A outra ponta da flecha, onde é encaixada a ponta feita de taquara, também é firmada trançando a linha de algodão nela. Nessa ponta também é colocada fibra de pena de macuco *jakap* (olho da flecha).

**Figura 16 – Modo de confeccionar arte nas flechas com pelo de caititu**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

Imagem de Nanilson Cinta Larga tirada por mim, Jorge Cinta Larga, na aldeia Rio 21, 15/10/2015), colocando pelo de caititu na ponta da flecha, formato de cipó, *anguj tapuu*. Para fazer uma arte na flecha, os pelos são amarrados na ponta que é encaixada no *japéé* (taquara), amarrando um por um, conforme a arte que deseja.

**Figura 17 – Sequência de figuras com diferentes trançados, da esquerda para a direita numeradas de 1 à 6**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

As imagens acima são de flechas com pontas de *iipéép* (coração de negro), com arte, confeccionada com pelos de caititu *jap sek* (arte da flecha), tiradas por mim, Jorge Cinta Larga, na aldeia Algodão no dia 03/06/2015. A 1ª imagem mostra os pelos do caititu amarrados com embira, após abate do animal. Segundo o ancião Ajarauno, um caçador deve observar a qualidade dos pelos de caititu no momento que for tirar do animal. Os pelos bons para fazer arte na flecha são os maiores, são resistentes e visíveis na flecha, já os pelos menores não são fortes, por isso, não duram por muito tempo.

A 2ª imagem mostra os pelos já colocados na ponta da flecha, com o formato de *panzabikap* (formato de joelho), segundo o ancião Ajarauno.

A 3ª imagem mostra outra arte mais fácil, que chamamos de *ngalalyng* (arte sem detalhes ou triangular). A 4ª imagem mostra outra arte confeccionada com formato de guelra de peixe, segundo nos explicou o consultor Pedrão Cinta Larga. A 5ª imagem mostra a arte confeccionada com formato de *angapyng* (cipó). Por fim, a 6ª imagem mostra outra arte confeccionada com formato de *anguj tapúú* (cipó de figueira).

**Figura 18 – Flechas com pontas de *iipéép* (coração de negro)**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

Acima trazemos as imagens de flechas com pontas de *iipéép* (coração de negro), com artes de vários tipos, confeccionadas com pelos de caititu *jap sek* (arte da flecha), tiradas por Jorge Cinta Larga, na aldeia Algodão, no dia 03/06/2015. Cada uma dessas artes tem o seu nome ou formato, elas são feitas com formatos de desenhos ou manchas que existem na pele dos animais, aves ou até mesmo com formatos dos membros do nosso corpo.

### **3.1 Para pesca**

A flecha para pesca é confeccionada sem penas de aves. O ancião Ajarauno que aparece confeccionando uma flecha para pesca de várias espécies de peixes disse que esse tipo de flecha deve ser bem forte e pesado, porque uma flecha que vai ser lançada na água deve ser de boa qualidade. A ponta dela é feita do pedaço de madeira *iipéép* (coração de negro), ou de *jubat* (coqueiro tucum), essa ponta não deve ser muito fina, porque com a força do peixe ela pode se quebrar, deixando o peixe escapar. A parte mais importante é os *xijêjkap* (ganchos), que devem ser muito fortes e cheios de curvas para segurar o peixe. Ajarauno disse ainda que, ao encaixar essa ponta, deve colocar uma cera de abelha *jukann tapebéj* (jataí de abelha preta), para fixar firme a ponta na flecha, pois isso evita que a ponta saia com a força do peixe.

**Figura 19 – Peça de madeira retirada da madeira *ipéép* (coração de negro) antes e depois de ser confeccionada**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

**Figura 20 – Cacique da aldeia Algodão confeccionando flecha para pesca com ponta de *ipéép* (coração de negro)**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

### 3.2 Confeção do arco do povo Cinta Larga

A confecção do arco para caça é especialmente trabalho de quem tem experiência, pois isso precisa de bastante técnica para escolher tucum de boa qualidade e tamanho.

Em primeiro lugar, é preciso cortar o tucum com muito cuidado para não rachar o tronco ao ser derrubado. Após derrubar, corta-se no tamanho que deseja que o arco seja

confeccionado, em seguida, abre com machado com cuidado para não rachar a parte boa que serve de arco. É preciso tirar os espinhos do tucum com facão para não espetar as mãos, depois diminuir o tamanho do pedaço do tucum com um facão bem afiado, espetado em um pedaço de madeira ou em um pequeno pau. Após isso, o arco passa por um processo muito delicado, nessa parte, é só utilizada a faca cortada na ponta para confeccionar o arco.

Em seguida, o arco é aquecido no fogo com cera de abelhas para desentortar e deixar numa posição reta. O próximo processo é lixar o arco com areia fina ou com folhas de embaúba para deixar muito liso. Depois de lixado, é só colocar a corda e experimentar em uma caça, porém, se o arco não lançar as flechas em seu alvo, o arco é analisado por um ancião experiente para achar o defeito.

**Figura 21 – Processo de preparação da madeira para o arco**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

As imagens acima são do cacique Ajarauno Cinta Larga, 85 anos, da aldeia Algodão, tiradas por mim, Jorge Cinta Larga, no 11/09/201. O cacique está confeccionando arco de tucum para meninos na faixa de 04 anos a 6 anos de idade.

**Figura 22 – Confeccionando arco de tucum (menino faixa etária 4 a 6 anos)**



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

### 3.3 Usos do arco e flecha pelo povo Cinta Larga

Antigamente o uso do arco e flecha era comum, cada família tinha que aprender a confeccionar o arco e flecha de vários tipos, para ter respeito de outras famílias, informou o Ajarauno (consultor nativo). Ele esclareceu ainda que a pessoa que não confecciona este artefato não é considerado um homem guerreiro, por isso, a obrigação do homem é aprender caçar, pescar, roçar, cantar e dançar, para ter condições de formar uma família e conseguir alimentos de forma independente.

Ele disse ainda que antigamente a flecha era único artefato para a caçar aves, peixes e animais maiores como anta, cateto, veados, queixadas e onças, por isso, ele tinha que aprender todos os processos da confecção das flechas e arcos. “Quero muito compartilhar essa experiência com os meus filhos, alguns deles têm interesse e outros não disse ele”, disse Ajarauno.

Depois do contato com a sociedade ocidental, alguns deixaram de usar esses artefatos e passou a usar as armas de fogo para caçar os animais. No entanto, depois de proibirem a venda de armas e munições, a maioria das pessoas está voltando a utilizar os arcos e flechas em caçadas. Acreditamos que isso vai trazer novamente o uso contínuo de flechas e arcos pelos jovens atuais, alguns jovens que estudam nas escolas das cidades preferem apenas estudar, mas o que residem nas aldeias sempre estão aprendendo essas experiências.

**Figura 23 – Marcelo Cinta Larga e Canarinho Cinta Larga, na festa da chicha na aldeia Rio 21**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

**Figura 24 – Cacique Constantino Cinta Larga, Marcelo Cinta Larga e Jorge Cinta Larga**



**Fonte:** Jorge Cinta Larga, 2015.

Figura 25 – Flechas utilizadas nas caçadas



Fonte: Jorge Cinta Larga, 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é a parte final da pesquisa sobre a cultura material do povo Cinta Larga. O objetivo principal foi registrar o processo de confecção de vários tipos de flecha e arco do nosso povo. E, também, registrar o uso desses artefatos na caça, pesca e nos outros costumes do dia a dia do povo. Com esse trabalho, pretendo incentivar também os jovens no uso constante das flechas e arco e, principalmente, a confecção deles. Acredito que, assim, podemos manter esse costume milenar vivo para o futuro.

Durante a realização do Trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão do Curso), assumi o desafio de buscar o envolvimento de profissionais de diversas áreas, em diferentes níveis e comunidades, caciques, os anciões que participaram direta ou indiretamente na produção do trabalho de TCC.

Por fim, deixo minhas considerações para todos os professores da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), do campus Universitário Renner Barbour do município de Barra do Bugres, que sempre estiveram presentes no decorrer das diversas fases deste trabalho, como também, em todas as etapas presenciais e intermediárias, durante a minha jornada de acadêmico nessa instituição, na formação em “Línguas, Artes e Literaturas”.

Por isso, considero, sem dúvida, que o grande "facilitador" durante todo o transcurso no trabalho foram todos os profissionais que se dedicaram, de uma forma ou de outra, para sairmos com esse trabalho realizado.

## REFERÊNCIAS

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga/427>

<http://www.accuweather.com/pt/br/aldeia-indigena-cinta-larga/2310345/weather-forecast/2310345>

## CONSULTORES NATIVOS

Ajarauno Cinta Larga

Canarinho Cinta Larga

Constantino Cinta Larga

Edir Cinta Larga

Luiz Cinta Larga

Manoel Cinta Larga

Marcelo Cinta Larga

Milton Cinta Larga

Nanilson Cinta Larga

Pedraão Cinta Larga

Ricardo Vieira Cinta Larga

Rodrigo Cinta Larga